

A EDIFICAÇÃO DOS PRIMEIROS TEMPLOS METODISTAS DO RIO GRANDE DO SUL NA COLÔNIA ITALIANA

THE BUILDING OF THE FIRST METHODIST TEMPLES IN RIO GRANDE DO SUL IN THE ITALIAN COLONY

Vicente Martins Dalla Chiesa¹

RESUMO

Pretende-se, neste trabalho, descrever o contexto em que ocorreu a edificação dos primeiros templos construídos pelas comunidades metodistas na região colonial italiana da encosta superior do Nordeste Gaúcho. Iniciada ali em 1887, a atividade da Igreja Metodista atingiu, inicialmente, três localidades onde, em um espaço de tempo relativamente curto, as pequenas comunidades metodistas, compostas por menos de cem pessoas ao todo, puderam dispor de sólidas igrejas construídas em terrenos de sua propriedade, o que não ocorreu na capital do estado, Porto Alegre, onde a presença metodista era um pouco mais antiga, mas as primeiras igrejas só surgiram na segunda década do século XX. Objetiva-se detalhar como, nas duas primeiras décadas de presença metodista na região colonial italiana (RCI), as comunidades viabilizaram o acesso a bens de raiz e construíram igrejas, levando em conta a presença de uma missão metodista americana, operando a partir do Uruguai, e o fato de que os grupos metodistas locais eram, nesse período, compostos exclusivamente por imigrantes de língua italiana e seus filhos. No decorrer do texto, serão oferecidos dados que permitem estabelecer uma cronologia dessa atividade de edificação e aquisição de propriedades destinadas ao culto religioso. Será também apresentada uma possibilidade de interpretação para o pioneirismo do metodismo local na edificação de templos em relação às demais áreas do Estado do Rio Grande do Sul, utilizando-se conceitos de Peter Berger sobre a simbologia em diferentes denominações religiosas.

Palavras-chave: Colonização italiana no Rio Grande do Sul; Igreja Metodista; Templos religiosos.

ABSTRACT

The aim of this work is to describe the context in which the construction of the first temples built by Methodist communities in the Italian colonial region of the upper slope of the Gaúcho Northeast Region occurred. Beginning in 1887, the activity of the Methodist Church initially reached three locations, where, in a relatively short space of time, small Methodist communities, made up of less than a hundred people in total, were able to have solid churches, built on land they owned as property. This did not happen in the state capital, Porto Alegre, where the

¹ Possui graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000). Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Methodist presence was slightly older, but the first churches only appeared in the second decade of the 20th century. The aim is to detail how, in the first two decades of Methodist presence in the Italian colonial region (RCI), communities provided access to goods from scratch and built churches, taking into account the presence of an American Methodist mission, operating from Uruguay, and the fact that local Methodist groups were, in this period, composed exclusively of Italian-speaking immigrants and their children. Throughout the text, data will be offered that allow us to establish a chronology of this activity of building and acquiring properties intended for religious worship. A possibility of interpretation will also be presented for the pioneering spirit of local Methodism in the construction of temples, in relation to other areas of the State of Rio Grande do Sul, using Peter Berger's concepts about symbolism in different religious denominations.

Keywords: Italian colonization in Rio Grande do Sul; Methodist Church; Religious temples.

INTRODUÇÃO: A IGREJA METODISTA E SUA PRESENÇA EM SOLO GAÚCHO

O Metodismo surge na Inglaterra, na primeira metade do século XVIII, como um movimento de renovação dentro da Igreja Anglicana, liderado pelo clérigo John Wesley, com grande ênfase na interiorização da fé, na responsabilidade do indivíduo pelos seus atos e pelos grupos nos quais está inserido, e na busca constante de aperfeiçoamento moral e espiritual. Combinando elementos do puritanismo, do pietismo alemão e do arminianismo², a fé metodista busca “reafirmar que Jesus quer todos os ouvintes reunidos como sua família de fé e, portanto, o oferecimento da salvação e da perfeição cristã é universal, embora a decisão seja livre e da responsabilidade de cada ouvinte” (MENDONÇA e VELÁSQUES, 1990, p. 96).

O movimento metodista logo se expandiu para as colônias inglesas da América do Norte, tendo o próprio Wesley e seus colaboradores mais próximos visitado aquele território. Com a independência americana, em 1776, precipitou-se a separação do metodismo americano de sua raiz inglesa, com a criação da Igreja Metodista Episcopal, em 1784 (REILY, 2003, p. 40), antes mesmo da criação de uma igreja independente em território inglês, o que somente ocorreu após a morte de John Wesley, em 1791. Nos Estados Unidos, a teologia metodista foi, em certa medida, reelaborada, e a denominação experimentou um imenso crescimento numérico, em particular durante a ocupação do Oeste do país, tendo-se adaptado excepcionalmente bem àquelas condições, o que levou a Igreja Metodista, no final do século

2 Movimento religioso cujo nome deriva de seu fundador Jacobus Arminius, teólogo reformado holandês, que defendia uma interpretação diferenciada da doutrina da predestinação de Calvino, de forma a acentuar a responsabilidade e a liberdade do indivíduo, em detrimento de uma ideia absoluta de predestinação.

XIX, a se tornar a maior denominação evangélica daquele país (MENDONÇA e VELÁSQUES, op. cit., p. 97-98). Esse crescimento não foi prejudicado pela divisão do campo metodista em duas igrejas, uma sediada no Norte do país (Igreja Metodista Episcopal) e outra no Sul (Igreja Metodista Episcopal, Sul), devido à questão da escravidão, em 1844 (REILY, 2003, p. 42). Ao contrário, no século XIX, inicia-se ampla atividade missionária de ambas as Igrejas Metodistas em todos os continentes, inclusive na América do Sul.

Após tentativas de estabelecimento missionário fixo na década de 1830, tanto no Brasil como na região do Rio da Prata (SALVADOR, 1983, p. 19-27; PIQUINELA, 2007, p. 108-118), a atividade metodista reinicia na década de 1860, com a Igreja Metodista Episcopal iniciando trabalho em Buenos Aires em 1864 (PIQUINELA, op. cit., p. 180-181), e a Igreja Metodista Episcopal, Sul, em 1866, entre imigrantes americanos estabelecidos no estado brasileiro de São Paulo (REILY, 2003, p. 104-107). A atividade na região platina se estende ao Rio Grande do Sul em 1885, com a chegada do pastor João da Costa Corrêa, enviado de Montevidéu a Porto Alegre.

Alguns imigrantes italianos estabelecidos nas áreas que hoje compõem os municípios de Bento Gonçalves e Veranópolis haviam sido membros da Igreja Valdense³ na Itália e, tendo notícia da presença de um pastor evangélico, entraram em contato com João Corrêa, que os visitou pela primeira vez em abril de 1887, batizando quatro crianças. Em seguida, foi providenciada a vinda de um pregador vindo do Uruguai, italiano nato, para atender à comunidade, chamado Carlos Lazzarè, que chegou a Dona Isabel (Bento Gonçalves)⁴, em dezembro de 1888, e em 27/03/1889, a comunidade foi formalmente organizada.

Em 1892, houve a formação de um segundo ponto de atividades para

3 Igreja evangélica cujas origens remontam ao movimento religioso iniciado pelo francês Pedro Valdo, no século XII, que se espalhou especialmente pelo sudoeste da França e norte da Itália. O movimento valdense aderiu às teses das igrejas reformadas no século XVI, e se manteve, não obstante inúmeras dificuldades, como a única denominação evangélica da Itália ao longo dos séculos XVII e XVIII, embora confinada a alguns vales da região alpina ocidental do Piemonte. No século XIX, à medida que se processava a unificação italiana, a Igreja Valdense iniciou vigoroso movimento de difusão na península, que atingiu também localidades no Vêneto e no Friuli de onde partiram imigrantes com destino ao Rio Grande do Sul (TOURN, 2000).

4 A colônia Dona Isabel, criada em 1870, somente passou a ser povoada a partir de dezembro de 1875, com a vinda de imigrantes de língua italiana. Emancipou-se da situação colonial em 1884, passando a ser distrito do Município de Montenegro, com o mesmo nome de Dona Isabel. Com a emancipação do distrito, já no regime republicano, em 11/10/1890, tomou o nome de Bento Gonçalves (CAPRARA e LUCHESE, 2005). A documentação metodista até 1890 utiliza a denominação “ex-colônia Dona Isabel”.

a Igreja Metodista, na localidade de Forqueta Baixa⁵, interior do município de Caxias, onde se haviam estabelecido alguns italianos valdenses do Piemonte, juntamente com uma família protestante inglesa. Também para essa localidade foi enviado um imigrante italiano residente no Uruguai, que lá havia se convertido ao metodismo, chamado Mateus Donati. A partir dessas duas localidades, a atividade metodista se estruturou, com atividades mais regulares também na área que se tornou posteriormente o município de Garibaldi.

No mesmo ano de 1899, os dois ramos da Igreja Metodista decidiram repartir o campo missionário da América do Sul em critérios linguísticos, cabendo à Igreja do Sul o território brasileiro, a partir de 1º/08/1900 (EIGHTY-SECOND ANNUAL REPORT, 1901, p. 294). Tal mudança ocasionou alterações significativas na atividade que vinha sendo até então empreendida, razão pela qual essa data é adotada como termo final do período aqui estudado, que inicia em 1887, com o começo do atendimento metodista aos italianos imigrados no Rio Grande do Sul.

No período inicial de estabelecimento metodista no Rio Grande do Sul, vigia a Constituição Imperial de 1824, que, em seu artigo 5º, vedava a construção de templos religiosos não católicos com aspecto exterior de templo:

Art. 5º. A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do Templo (BRASIL, 1824).

Termos semelhantes foram encontrados no Código Criminal do Império Brasileiro, que previa, entre outras penalidades, a demolição da forma exterior que identificasse o edifício como um templo religioso:

Art. 276. Celebrar em casa, ou edifício, que tenha alguma forma exterior de Templo, ou publicamente em qualquer lugar, o culto de outra Religião, que não seja a do Estado. Penas - de serem dispersos pelo Juiz de Paz os que estiverem reunidos para o culto; da demolição da forma exterior; e de multa de dois a doze mil reis, que pagará cada um (BRASIL, 1830).

⁵ O local é comumente referido como Forqueta Baixa, para distingui-lo de outra localidade existente no interior do Município de Caxias, também chamada Forqueta, situada na Linha Feijó.

Tais disposições foram, em certa medida, ignoradas. Em pequenas cidades e povoados do interior do Rio Grande do Sul com presença luterana, havia igrejas edificadas com torres e sinos (DREHER, 2014, p. 125), particularmente na fase final do império, após a Questão Religiosa, no início da década de 1870, que colocou em campos opostos o governo central e a Igreja Católica (VÊSCIO, 2001, p. 100-108). No entanto, tais dispositivos permaneciam vigentes, o que permitiu que se criasse uma situação de tensão na cidade gaúcha de Santa Maria, em maio de 1887, quando a comunidade luterana lançou a pedra fundamental de um campanário a ser edificado, e o delegado de polícia local recebeu ordens de seu superior em Porto Alegre para agir contra a comunidade, com base nos dispositivos acima transcritos (DREHER, 2014, p. 216). Ainda que essa ordem tenha sido posteriormente revogada, a proibição permaneceu formalmente vigente até a separação de Estado e Igreja, com o Decreto 119-A de 07/01/1890, logo após o advento da República.

Nota-se que essa situação ocorreu no mês seguinte ao início dos contatos entre a Missão Metodista e os italianos imigrados na região colonial (RCI), de forma que essa problemática compõe o pano de fundo para o início do período temporal aqui analisado

1 AS PRIMEIRAS NOTÍCIAS SOBRE TEMPLOS METODISTAS DA REGIÃO COLONIAL ITALIANA

A bibliografia sobre a presença metodista em solo gaúcho traz poucas menções à edificação dos primeiros templos, com uma exceção: em diversas publicações, é mencionado que o primeiro templo metodista construído no Rio Grande do Sul foi a atual igreja de Bento Gonçalves, que teria sido inaugurada no mesmo dia da fundação da comunidade. Tal informação foi repetida sistematicamente ao longo do tempo, por autores posteriores, e mesmo em pequenas publicações efetuadas pela comunidade metodista de Bento Gonçalves, o que fez com que esse dado fosse tomado como ponto de partida para a pesquisa aqui apresentada. No entanto, essa informação não se confirmou no confronto com a documentação contemporânea aos fatos que, aos poucos, foi sendo encontrada.

Ao se ler a extensa ata de fundação, lavrada pelo pastor João da Costa Corrêa, datada de 27/03/1889⁶, não há menção alguma à alegada inauguração do templo, não obstante o documento — e os registros subsequentes do mesmo livro — fornecerem muitos detalhes a respeito dos membros da igreja e de sua organização administrativa e eclesiástica. Seria de se esperar que essa inauguração também fosse comemorada e registrada. Contudo,

6 Acervo da igreja metodista de Bento Gonçalves. Livro “Fundação e Rol”.

não há nenhum apontamento disso em um dia em que tantos fatos importantes para a comunidade nascente foram reduzidos a termo.

Outro documento que lançou dúvidas sobre as informações até então divulgadas foi o registro civil referente ao primeiro casamento entre metodistas ocorrido na cidade⁷, celebrado no mesmo dia da fundação da comunidade, 27/03/1889. Os noivos eram Francesco Busnello e Giovanna Marcon, ambos imigrantes italianos, residentes na Colônia Alfredo Chaves. O documento do registro civil menciona algo que não consta da anotação referente ao casamento religioso⁸: o local da celebração da cerimônia, que foi a casa de Giovanni Ferrari, membro da Igreja Metodista, residente nas proximidades do atual templo (LORENZONI, 1975, p. 122). Portanto, o primeiro casamento da comunidade não foi realizado em uma igreja que, segundo consta, estaria sendo inaugurada no mesmo dia, mas sim em uma casa particular, que ficava a uma quadra de distância do local do atual templo.

Na busca de informações complementares, foi consultada a coleção do jornal *O Testemunho*, órgão oficial da Igreja Metodista Episcopal no Rio Grande do Sul, que foi editado em Porto Alegre de 1904 a 1917. Na edição de 15/12/1905, é publicada uma longa reportagem do pastor metodista João Vollmer, que residia então em Porto Alegre, e se dirigia em férias à região de colonização italiana da Serra Gaúcha. Após queixar-se das agruras da viagem, devido à precariedade da estrada, o autor informa que, efetivamente, havia constatado melhoras em relação a dezesseis anos antes, quando estivera na mesma estrada em companhia do pastor João da Costa Corrêa⁹. A menção a dezesseis anos passados é significativa: como o missivista escreveu em 1905, deduz-se que esteve naquela estrada, com destino à Serra, em 1889, ano da fundação da comunidade de Bento Gonçalves, que foi presidida pelo pastor Corrêa. E não é razoável imaginar que Vollmer se dirigisse a outra cidade, uma vez que Bento Gonçalves (então Dona Isabel) era, naquele momento, a única localidade de atuação metodista no interior do estado. A passagem seguinte do relato é extremamente esclarecedora. Ao chegar a Bento Gonçalves, Vollmer louva as diferenças que vê, a começar pela “igreja solidamente construída no lugar do acanhado salão de outrora”¹⁰. É o relato de um dos primeiros pastores metodistas a atuar no Rio Grande do Sul, que esteve em Dona Isabel em 1889, referindo não haver igreja nessa localidade à época.

7 Arquivo do Cartório do Registro Civil de Bento Gonçalves. Livro dos casamentos celebrados no ano de 1889.

8 Acervo da igreja metodista de Bento Gonçalves. Primeiro livro de registro de casamentos.

9 *O Testemunho*, 15/12/1905.

10 *O Testemunho*, 15/12/1905.

As fontes disponíveis não apenas contradizem a informação inicial, como não fornecem qualquer referência à existência de uma igreja na região colonial italiana nos anos iniciais de atuação metodista. Nas narrativas publicadas no jornal *O Testemunho* ao longo do ano de 1905, numa coluna intitulada “A história da nossa igreja”, escrita por João da Costa Corrêa, não há menção à existência de templos metodistas em qualquer localidade no Rio Grande do Sul no período imperial, ou seja, até 1889, quando havia ainda vedação formal a esse tipo de edificação.

2 ALFREDO CHAVES

A primeira citação relativa a um templo ocorre em um relatório enviado aos Estados Unidos, referente ao ano de 1891. A cada ano, a Igreja Metodista Episcopal dos EUA reunia e publicava os relatos de seus missionários espalhados pelo próprio país e pelo mundo em um volume, rico em informações a respeito dos mais diferentes lugares, como se pode ver nos seguintes dados. O mencionado relatório, referente ao ano de 1891, informa o que segue:

O irmão Lazzare continua a fazer o trabalho de um evangelista, visitando as pessoas em suas casas e pregando de vizinhança em vizinhança. Em Alfredo Chaves a capela está praticamente pronta para ocupação, tendo sido erigida principalmente através do trabalho e das contribuições da pequena comunidade, em um local dado pela administração colonial. Iniciativas similares estão em curso em Bento Gonçalves e Conde D`Eu (SEVENTY-THIRD ANNUAL REPORT, 1892, p. 55)¹¹.

Ao contrário de Bento Gonçalves, que já se tornara município autônomo no ano de 1890, Alfredo Chaves, à época, ainda era uma colônia¹², regida por regramento diferente das demais cidades e distritos já emancipados da situação colonial. Tal circunstância, sem dúvida, facilitou a doação do terreno para a construção do templo, devido à maior margem de manobra de que dispunham os administradores locais para a concessão de lotes. Além disso, o diretor da colônia, à época, era José Montaury de Aguiar Leitão (PIMENTEL, 1987, p. 7), político identificado com o Positivismo, ideologia que inspirou fortemente a primeira fase do regime republicano no Rio Grande do Sul. Não obstante discordâncias e reservas com a atuação e

11 Tradução do autor.

12 Somente se emancipou em janeiro de 1898, trocando o nome para Veranópolis em 1944.

os dogmas da Igreja Católica, o Positivismo via as religiões como um elemento útil para conservar a ordem social (ZUGNO, 2017, p. 92-93). Nesse contexto, não é de se admirar que a administração colonial tenha cedido aos metodistas um terreno para edificação de um templo, a duas quadras da praça principal da cidade (POSENATO, 1983, p. 172 e 449). A circunstância de não ser necessária a compra do terreno, poupando os gastos decorrentes, certamente contribuiu para que Alfredo Chaves tivesse o primeiro templo metodista construído no Rio Grande do Sul. Quanto às demais despesas de edificação, há informação de que foram custeadas quase que inteiramente pelos próprios membros, com pequeno auxílio financeiro da Missão¹³. Sobreviveu ao tempo uma fotografia, datada possivelmente da década de 1890, que retrata a igreja metodista da então Alfredo Chaves e os terrenos vizinhos. Trata-se de uma construção de alvenaria, com 78 m² de área¹⁴, duas portas frontais, encimadas por arcos ogivais, e um pequeno óculo na parte central da fachada. Na parte posterior direita, há uma torre e um campanário, este aparentemente edificado justaposto à igreja, e não dentro do seu corpo, como é comum na arquitetura da imigração italiana.

Imagem 1: Fotografia da sede de Alfredo Chaves na década de 1890, aparecendo no centro da imagem o primeiro templo metodista do Rio Grande do Sul.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, de Caxias do Sul. Álbum “Recordações das Colônias Conde D’Eu, Dona Isabel, Alfredo Chaves, Antônio Prado e Caxias”.

¹³ O Testemunho, 15/03/1905 e 1º/02/1906.

¹⁴ Acervo da igreja metodista de Bento Gonçalves. Pasta sem classificação, relatório intitulado “Estatísticas do Culto Evangélico em Geral”, referentes ao ano de 1947.

Tendo em conta que os relatórios eram publicados no início de cada ano, bem como o tempo que cada relatório levava para ser compilado, enviado aos Estados Unidos e, então, editado, é possível deduzir que as informações se refiram ao primeiro semestre de 1891 e ao segundo semestre de 1890, o que também se verifica em relação a outros relatos efetuados. Portanto, é razoável supor que a construção tenha sido terminada no próprio ano de 1891. Em relação ao ano seguinte (1892), é informado que:

Em Alfredo Chaves, com o irmão Carlos Lazzare como pastor assistente, o pequeno edifício da igreja foi completado, e está apenas esperando o bispo ou superintendente vir para consagrá-lo. A pregação tem sido mantida em três ou quatro pontos das colônias adjacentes. Os irmãos de Santa Isabel (sic) e Conde D Eu têm algum material para capelas, mas precisam de auxílio para fazê-las. Em Bento Gonçalves e nos pontos a ela pertencentes Matteo Donati fez visitas e pregou com fé. Em La Forqueta, onde ele vive, os membros da própria igreja, utilizando suas pequenas economias, juntaram \$300 e compraram a pequena capela católica. Agora eles se rejubilam em um prédio próprio (SEVENTY-FOURTH ANNUAL REPORT, 1893, p. 50)¹⁵.

3 A FORQUETA BAIXA

O último dado transcrito acima, sobre a construção de um templo na Forqueta Baixa, é corroborado pela documentação encontrada junto à igreja metodista de Caxias do Sul. Após relatar a história da comunidade, no manuscrito intitulado *Memorie della Chiesa Metodista Episcopale della Forqueta*, o pastor Matteo Donati registrou, em breves anotações finais, que, em 1892, foi comprado da comunidade católica o prédio da igreja¹⁶. Portanto, na localidade da Forqueta, é a comunidade local que toma a iniciativa e, às próprias expensas, compra um prédio já existente, pertencente à comunidade católica local, transformando-o em local de culto, logo após a chegada de Donati, em janeiro de 1892. Pelo que se pôde apurar até o momento, o templo estava localizado nas terras do imigrante italiano Pietro Chaulet, que se converteu ao metodismo naquele mesmo ano. Foi localizada pelo autor apenas uma imagem dessa igreja, abaixo reproduzida, retratando uma pequena edificação de alvenaria, com apenas uma porta central na fachada, acima da qual está a inscrição “Egreja Evangelica M. EP”.

15 Tradução do autor.

16 Acervo da igreja metodista de Caxias do Sul. Primeiro livro de membros da igreja metodista de Forqueta Baixa.

Imagem 2 - Comunidade metodista da Forqueta Baixa na frente do templo, em 1907.



Fonte: Acervo da igreja metodista de Gramado.

Aos fundos, à direita, está outra edificação, a residência pastoral, que seria construída alguns anos depois. Não é possível visualizar mais detalhes do prédio, e nem foi localizada na documentação compulsada a área edificada dessa igreja, mas ela parece ter sido a menor das três igrejas metodistas que surgiram na RCI ao longo daquela década, tanto que é frequentemente citada não como igreja, mas sim como capela.

Na Forqueta, embora a comunidade tenha tido que arcar com os custos da compra de um terreno, a rápida aquisição de um templo parece ter sido impulsionada por uma característica particular da comunidade: o alto grau de coesão interna e disposição para investimentos em prol da coletividade. Os fundadores da igreja eram, em boa parte, pessoas que já tinham tido uma experiência de vivência comunitária evangélica na Europa e utilizaram isso em terras brasileiras por meio da tomada de uma série de iniciativas em benefício da comunidade, como a organização de uma escola e o cultivo de um terreno pelos membros, cuja produção agrícola era vendida para auxiliar nas despesas comuns e no sustento do pastor.

Há também uma circunstância interessante a ser notada acerca da construção da igreja da Forqueta: a diversidade de tons e ênfases utilizados pelo pastor Donati nas quatro fontes onde ele fornece informações a respeito desse fato. Duas delas são datadas de 1892, contemporâneas aos acontecimentos. A primeira é o registro efetuado na documentação da própria

comunidade, onde ele refere, de forma breve, que: “No mesmo ano, 1892, a igreja foi comprada da sociedade católica romana, mediante escritura particular, e no dia 3 de abril se entrou na posse dela, continuando sempre a pregação”¹⁷. Não está esclarecido, nesse texto, o motivo dessa demora de alguns meses entre a compra – que parece ter ocorrido logo após a chegada de Donati, em janeiro – e a efetiva tomada de posse, em abril. Como se disse, é um registro curto e sucinto, meramente factual. No entanto, no mesmo ano, em correspondência enviada ao jornal *El Estandarte Evangélico*, de Buenos Aires, órgão oficial da missão, Mateus Donati descreve a situação em outras cores¹⁸. Ele informa que os pioneiros da comunidade “procuravam edificar um templo perto daquele dos romanistas; a estes, isso não agradava, e então lhes venderam o deles”. Cerca de treze anos depois, em 1905, é publicada no jornal *O Testemunho*, de Porto Alegre, uma série de reportagens escritas pelo pastor João da Costa Corrêa, acima citado, pioneiro da atividade metodista em solo gaúcho. Ao relatar a situação na colônia italiana, certamente utilizando dados fornecidos por Mateus Donati, ele escreve o que segue:

A obra entre os italianos tem um templo em Alfredo Chaves, outro em Bento Gonçalves e uma pequena capela na Linha Forqueta. Os dois primeiros foram adquiridos, em parte, por meios fornecidos pela Missão e pelos membros da Igreja; a capela da Forqueta, os irmãos cotizaram-se entre si e a compraram. Era uma capela católica que durante anos servira para os cultos da Igreja Romana, que foi pelos evangélicos adquirida e consagrada ao Deus Vivo, Eterno e Imutável. Os deuses mudos foram trocados e, no seu lugar, levantado o Deus do Monte Sinai, o Cristo do Mar da Galileia e o Espírito Santo repartido em línguas de fogo em Jerusalém no dia de Pentecostes. É admirável como aqueles irmãos da Forqueta sustentam a obra. Nos fundos do templo há algumas quadras de terreno pertencente à Igreja, o mesmo é cultivado em horas vagas por eles próprios e o produto recolhido vendem e recolhem o dinheiro à administração econômica da Igreja para os devidos fins do culto¹⁹.

17 Acervo da igreja metodista de Caxias do Sul. Primeiro livro de membros da igreja metodista de Forqueta Baixa. Tradução do autor. O original está redigido da seguinte forma: *Il medesimo anno (1892) fu comprata, mediante scrittura particolare, della società cattolica romana la Chiesa, e il giorno 3 Aprile si entrò in possesso di essa, continuando sempre la predicazione.*

18 *El Estandarte Evangélico*, 1º/09/1892.

19 *O Testemunho*, 15/03/1905.

Por fim, há o relato deixado por Donati em suas memórias privadas, escritas na cidade de Gramado, na década de 1910. Ele informa que, devido a um acordo na comunidade, católicos e metodistas utilizaram durante certo tempo o mesmo templo, inclusive porque os “romanos” não tinham onde colocar seus móveis, sendo, posteriormente, indenizados. Textualmente, ele diz o que segue: “Assim, por alguns domingos celebramos cultos na Igrejinha deixando em ordem o altar, Cristo, quadros, flores, velas, confessionário, para que o padre católico pudesse servir-se deles sem nenhum incômodo” (FLORES, 1937, p. 54-55).

É curioso notar dois aspectos dessa diversidade de textos. Em primeiro lugar, quanto mais distante da região onde aconteceram os fatos, mais é acentuada no discurso a hostilidade entre os grupos evangélicos e católicos. Se, para os leitores de Buenos Aires, os católicos eram tão intolerantes a ponto de sequer quererem os evangélicos fisicamente próximos de si, os registros privados de Donati contam uma história substancialmente diferente, talvez inédita para o local e a época, consideradas as posições institucionais de parte a parte²⁰. Além disso, é de se notar que essa mesma oposição é acentuada nos discursos destinados à publicação; os relatos privados e institucionais apresentam um outro tom. Essa ênfase na oposição, naturalmente, decorre da necessidade de uma igreja com objetivos missionários e conversionistas apresentar-se como uma alternativa diferente e melhor ao meio católico circundante. No discurso, enfatizam-se certos aspectos em detrimento de outros.

Ao chegar o ano de 1893, portanto, a Igreja Metodista Episcopal tinha dois templos construídos na RCI, e já havia planos para edificações em Bento Gonçalves e Garibaldi (Conde D’Eu). No entanto, no mesmo ano, eclode a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul, que se estende até meados de 1895 e, em grande medida, paralisa as atividades metodistas nesse estado, praticamente confinando os pastores a suas paróquias-sede. O único acontecimento desses anos referente aos templos decorre do fato de Alfredo Chaves ter sido palco de encarniçados confrontos entre as forças oponentes. Três fontes metodistas mencionam o mesmo fato: o padre da localidade teria incitado os “soldados” a incendiar o templo metodista²¹, o que não ocorreu porque teria sido explicado que ele era de propriedade de uma sociedade missionária americana, sendo então colocada uma sentinela na sua porta para protegê-lo (ACTAS, 1895, p. 59-60; SEVENTY-SEVENTH ANNUAL REPORT, 1896, p. 44). Nas diversas fontes católicas publicadas

20 Significativamente, a Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro, de 1890, vedava qualquer forma de concelebração ritual com os evangélicos (ZUGNO, 2017, p. 132-136).

21 *El Estandarte Evangélico*, 1º/05/1894.

referentes a Alfredo Chaves, não foi possível encontrar referências ao fato. Menciona-se, no entanto, que o pároco da localidade, o italiano Mateus Pasquali, de personalidade combativa, era um ardente partidário de Júlio de Castilhos, tendo inclusive pegado em armas contra os maragatos que invadiram Alfredo Chaves (ZUGNO, op. cit., p. 104). De qualquer forma, fica evidenciada aqui a capacidade dos membros da Igreja Metodista de mobilizar simpatias e forças em seu favor, mesmo num contexto turbulento.

Terminada a Revolução Federalista, retoma-se a atividade metodista. Pela primeira vez, há um relato sobre edificações em Porto Alegre, referente à reforma de um prédio alugado utilizado pela comunidade para os cultos e a escola dominical, sugerindo-se sua compra. Na Forqueta, o débito referente à aquisição de 1892 é saldado, e a comunidade, mesmo com seus recursos limitados, consegue construir uma casinha ao lado do templo para moradia do pastor Donati. Menciona-se, também, que os membros em Bento Gonçalves e Conde D'Eu pretendem “conseguir terrenos e edificar capelas” ainda naquele ano (ACTAS, 1896, p. 8-9).

4 BENTO GONÇALVES

Ao consultar o livro de protocolos da Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves referente ao ano de 1897²², verifica-se que foram efetuados dois requerimentos relacionados à edificação de um templo pela comunidade metodista. O primeiro, datado de 04/09/1897, formulado pelo pastor Carlos Lazzarè, solicita “alinhamento e altura da soleira para um edifício destinado a um Templo Evangélico na Praça Floriano Peixoto, na sede desta Vila”. No segundo, formulado por “Carlos Lazzarè, Michele Cabrillo e outros”, em 11/10/1897, consta que “querendo dar início à construção do Templo Evangélico na Praça Floriano Peixoto, na sede desta Vila, pedem o nivelamento da mesma, em vista da irregularidade do solo”. Esclarece-se que a Praça Floriano Peixoto é a atual Praça Vico Barbieri (FAGGION et al., 2008, p. 13), onde está construída a Igreja Metodista da cidade, o que indica que a menção se refere ao templo atual. No relatório publicado nos Estados Unidos relativo ao ano de 1897, é mencionado o seguinte:

O Rio Grande do Sul é o estado mais meridional da república brasileira, e tem, na sua estação central, a cidade de Porto Alegre. O trabalho aos arredores é principalmente aquele dos dois circuitos no interior recentemente povoado, com dois pregadores estabelecidos respectivamente em Bento Gonçalves e Forqueta. (...) Nos circuitos do interior o tra-

22 Primeiro livro de protocolos da Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves (1895-1897).

balho tem prosseguido regularmente e está em pleno funcionamento sob os cuidados dos irmãos Lazzare e Donati. Em Bento Gonçalves, a pedra angular da igreja foi colocada com grande contentamento, e o evento atraiu atenção pública e simpatia para nossa causa. As congregações dos dois circuitos das montanhas são compostas principalmente de italianos que buscaram seus lares nas florestas da região subtropical, até recentemente cobertas com florestas impenetráveis (SEVENTY-NINTH ANNUAL REPORT, 1898, p. 256)²³.

Note-se que o dado relativo à colocação da pedra angular (cornerstone, no original) é compatível com os pedidos feitos à municipalidade no mesmo ano, solicitando alinhamento e definição de altura da soleira. No ano seguinte, a obra teve andamento, pois, nas atas da conferência anual, o pastor Corrêa informou ao presbítero presidente que o pastor Lazzarè – que deixaria essa comunidade em maio de 1898²⁴ – concluíra a maior parte da edificação da igreja de Bento Gonçalves, terminando a construção das paredes e colocando o teto do templo. Informou ainda que “para esta obra, contribuiu o sacrifício dos irmãos, que doaram o terreno e contribuíram de forma notável para o prosseguimento da obra, enquanto se espera a conclusão da empresa” (ACTAS, 1898, p. 42)²⁵.

A conclusão referida aconteceu logo em seguida. Ainda em 1898, ocorreu a consagração do templo; conforme relato do novo pastor, Mateus Donati, em carta datada de dezembro de 1898, a comunidade entrou nele pela primeira vez no Natal daquele ano, e são fornecidos outros dados:

Em Bento Gonçalves, estamos nos preparando para dar uma festa infantil. Os meninos e meninas da escola dominical estão preparados para recitar diálogos, sermõesinhos e hinos; teremos uma árvore de Natal, a primeira que nossas crianças terão o prazer de ver. Entraremos pela primeira vez no Templo. As meninas estão ocupadas em cortar papéis para formar bandeirinhas, flores e objetos de iluminação. Em Conde D’Eu, compramos, em nome da Missão, um terreno perto da igreja católica, para edificação de um templo evangélico. Em Alfredo Chaves, estamos coletando fundos

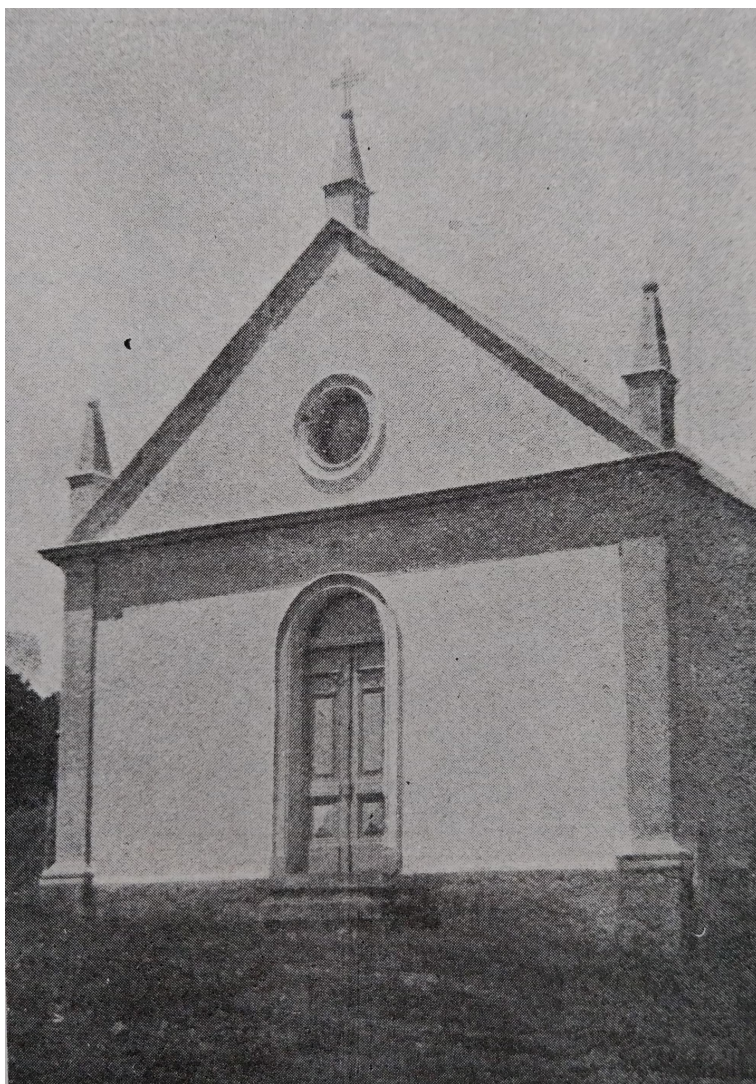
23 Tradução do autor.

24 Conforme deliberação da conferência anual da Igreja Metodista na região platina, realizada entre 31 de março e 04 de abril de 1898 na cidade argentina de Rosario, Carlos Lazzarè e Mateus Donati trocaram de posto, indo o primeiro para a Forqueta e o segundo para Bento Gonçalves, modificação efetivada em maio de 1898.

25 Tradução do autor.

para restaurar o templo, que muito necessita²⁶.

Imagem 3: Templo metodista de Bento Gonçalves, inaugurado
no Natal de 1898, em fotografia da década de 1920.



Fonte: KENNEDY, 1928, p. 249.

26 *El Estandarte Evangélico*, 12/01/1899. Tradução do autor. Interessante também é notar como a Igreja Metodista pode ter contribuído para a difusão dos símbolos natalinos anglo-saxões num contexto cultural latino.

Portanto, a atual Igreja Metodista de Bento Gonçalves foi construída entre 1897 e 1898, com notável esforço por parte dos membros da comunidade, que não apenas arcaram com a compra do terreno de seu proprietário anterior, Giuseppe Farina (CAPRARA e LUCHESE, 2005, p. 445), mas contribuíram decisivamente para a construção em si, aparentemente sem auxílios externos relevantes. O templo também é de alvenaria, mas maior do que o erigido em Alfredo Chaves, com 108 m² de área²⁷. Apresentava uma porta frontal, com uma rosácea no meio da parte superior da fachada, e três janelas de cada lado, com arcadas ogivais, visíveis em fotografia datada possivelmente do pastorado do Reverendo John W. Price²⁸, entre 1904 e 1905, e na imagem da década de 1920 acima reproduzida.

De início, apenas a parte superior da fachada da igreja foi rebocada, conforme se verifica em duas imagens da cidade de Bento Gonçalves datadas dos últimos anos do século XIX e da primeira década do século XX (MESTURINI, 2014, p. 27 e 36). De acordo com os registros escritos deixados por Antonio Premaor, membro da comunidade, e o relatório do pastor Frederico Peyrot²⁹, esse trabalho de reboco foi efetuado em todo o templo no ano de 1915. Nos degraus de pedra que dão acesso ao templo, estão esculpidos um sol, ao lado direito, e três peixes formando uma esfera, do lado esquerdo.

Conforme se verifica nos relatórios acima transcritos, desde o início da década de 1890 se fala na possibilidade de edificação de um templo metodista em Garibaldi, quase sempre referida na documentação metodista pelo nome antigo de Conde D'Eu, localidade onde residiam metodistas vinculados à igreja de Bento Gonçalves, desde 1889. Em vários momentos, há referência à possibilidade de compra de terrenos nessa cidade, mas a iniciativa somente foi concretizada no ano de 1898, conforme acima relatado. No entanto, o projeto não progrediu: o relatório anual referente ao ano de 1899 fala em “surda perseguição” aos metodistas nessa localidade (AC-

27 Acervo da igreja metodista de Bento Gonçalves. Pasta sem classificação, relatório intitulado “Estatísticas do Culto Evangélico em Geral”, referentes ao ano de 1947. O templo foi reformado entre 1963 e 1964, mas, ao que tudo indica, não houve ampliação da área construída, que continua a mesma até hoje.

28 Revista Vida e Missão, edição de setembro de 1995, p. 9. Note-se que, em correspondência publicada no jornal O Testemunho em 15/12/1904, o pastor John W. Price informa que, em Bento Gonçalves, estaria “o único sino metodista do Brasil”. Não há registros no período estudado acerca desse sino ou da edificação de um campanário. No entanto, na arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul, é relativamente comum a edificação de campanários de madeira, separados da capela (POSENATO, 1983, p. 329).

29 Acervo da igreja metodista de Bento Gonçalves. Livro das conferências trimestrais do ano de 1915. Frederico Peyrot era um pregador brasileiro, nascido na comunidade de Forqueta Baixa, que atendeu Bento Gonçalves no período de 1913 a 1916.

TAS, 1900, p. 40), e o pastor Donati relata que a receptividade à pregação metodista diminuiu depois da chegada, àquela cidade, de frades e freiras³⁰. Trata-se dos freis capuchinhos e das irmãs de São José de Moutiers, chegados a Garibaldi, respectivamente, em 1896 e 1898 (ZUGNO, op. cit., p. 21). O mesmo autor, citando como fonte o diário do capuchinho Frei Bernardino D'Aprémont, refere o que segue, fornecendo dados mais precisos acerca da situação aqui abordada:

Quando a pressão não era suficiente, os missionários não hesitavam em utilizar a força para barrar a presença de igrejas concorrentes. Tal aconteceu em Garibaldi, quando, em 1899, a comunidade metodista que se organizara em Bento Gonçalves iniciara a construção de um templo. A construção foi interrompida graças à pressão do pároco, Giovanni Franchetti, e dos frades sobre a população local (ZUGNO, op. cit., p. 41).

Não foi possível obter dados mais detalhados sobre o que ocorreu. De qualquer forma, Garibaldi parece ter sido o ponto de atuação mais difícil para a Igreja Metodista, numa área onde a Igreja Católica já tinha, então, uma forte presença institucional. A tentativa não sucedida de construção de um templo evidencia isso.

Em conclusão, pode-se afirmar, com base nos elementos acima apresentados, que a primeira igreja metodista no Rio Grande do Sul foi construída na sede de Alfredo Chaves, atual Veranópolis, cuja construção foi concluída em 1891. Conforme informações anotadas à mão na borda superior da fotografia acima apresentada (Imagem 1), com a progressiva diminuição da comunidade, a igreja foi adquirida pela família Busato, transformada em residência particular e, posteriormente, demolida³¹. O segundo templo foi o da Forqueta, que já existia e foi comprado da comunidade católica. Essa igreja também não existe mais, em razão do desaparecimento da comunidade metodista local, motivado pelo êxodo rural³²; em dezembro de 1947, decidiu-se que o terreno e o prédio seriam postos à venda, por só residirem na localidade quatro membros da igreja, dois casais de sexagenários, sem condições de cuidar daquele patrimônio, que se deteriorava³³. O

30 *El Estandarte Evangélico*, 27/08/1899.

31 A demolição ocorreu depois de 1947, mas antes de 1961, pois o escritor veranense Mansueto Bernardi, em discurso datado de dezembro de 1961, menciona que a igreja metodista local já tinha sido demolida (BERNARDI, 1982, p. 26).

32 Acervo da igreja metodista de Bento Gonçalves. Livro de atas da conferência distrital colonial (1923-1936).

33 Acervo da igreja metodista de Caxias do Sul. Livro de atas das conferências trimestrais

terceiro foi o de Bento Gonçalves, inaugurado no Natal de 1898, em terreno comprado pela comunidade. Ao que tudo indica, anteriormente havia outro prédio, chamado de salão pelo pastor João Vollmer.

Ressalte-se que, embora a atual igreja de Bento Gonçalves não tenha sido a primeira, as duas mais antigas foram demolidas, de forma que, hoje, ela é o templo metodista mais antigo do Rio Grande do Sul. Além disso, é a única igreja metodista na região – talvez no Estado – que ostenta os traços da arquitetura da imigração italiana, uma vez que a igreja de Gramado, construída em 1932, foi demolida em 1989 (DAROS, 2006, p. 392-393), e as de Caxias do Sul (1922) e Garibaldi (1962) foram construídas em outros estilos arquitetônicos. Ela permanece como testemunho de uma época, no final do século XIX, em que, das cinco localidades de atuação metodista no Rio Grande do Sul, quatro estavam situadas na região colonial italiana, onde também estavam todos os bens de raiz de propriedade da Igreja Metodista (FLORES, op. cit., p. 72), que constituíam um patrimônio considerável: “cinco terrenos, três capelas e uma casa pastoral”³⁴.

CONCLUSÃO

O relato feito até o momento leva em conta somente os templos construídos na região colonial italiana. Isso ocorre não apenas por uma questão de corte temático, mas porque, no período em estudo, somente foram edificados templos metodistas nessa região gaúcha. A primeira igreja metodista fora da RCI seria construída em Uruguaiana, a partir de 1907, seguida pela Igreja Institucional, inaugurada em 1910 no 4º Distrito, área então periférica da capital Porto Alegre, ponto inicial da atividade metodista. A comunidade pioneira em Porto Alegre, a da área central da cidade (antiga Igreja Central e atualmente Catedral Metodista), somente contou com templo próprio em 1914, quase trinta anos depois do início da atividade (JAIME, 1963, p. 54 e 84). Os dados existentes sobre essa comunidade nas mesmas fontes acima citadas fornecem informações eventuais sobre aluguel de salões ou prédios particulares onde as atividades da igreja aconteciam. De forma ainda mais esporádica, há menções sobre o desejo de construção de um templo. Mas as referências à tomada de medidas práticas para essa construção, no período em estudo, são encontradas somente nas notícias referentes à região colonial italiana, e de forma constante.

É evidente que há fatores econômicos concretos para isso. O primeiro deles é o fato de que a membresia metodista, na década de 1890, se

(1935-1947).

34 O Testemunho, 1º/02/1906.

concentrava na RCI. Quando da entrega do trabalho para a Igreja Metodista Episcopal, Sul, no ano de 1900, praticamente dois terços dos membros efetivos da Igreja Metodista no Rio Grande do Sul viviam na colônia italiana (ACTAS, 1900, p. 68-69). Havendo mais membros, é natural que houvesse mais contribuições e mais disponibilidade financeira para edificações.

Além disso, as condições locais também facilitaram o curso dos acontecimentos. Em Alfredo Chaves, ainda sob o regime colonial, a comunidade metodista recebeu o terreno em doação. Na Forqueta, por outro lado, por se tratar de zona rural, certamente os imóveis eram de menor custo, tanto que a maior concentração de bens da Igreja Metodista é lá: o terreno onde está edificada a igreja, um lote utilizado para cultivo, o templo e a casa pastoral. Em Bento Gonçalves, já cidade, a construção de uma igreja em seu núcleo urbano demorou um pouco mais. No entanto, mesmo lá, o valor dos imóveis, com toda probabilidade, seria menor do que numa rua do centro de Porto Alegre. A comunidade estabelecida na área central da capital do estado, não obstante seu pioneirismo, tinha que encontrar um local adequado para um templo, que pudesse ser pago.

Embora se reconheça o peso desses fatores – que podem até mesmo ter sido determinantes – há outro elemento em jogo, que é a importância simbólica que a edificação de um templo possuía para a membresia metodista local na época e para a população circundante. Para tanto, é preciso refletir brevemente sobre a importância do templo físico no imaginário simbólico católico e evangélico.

Para o católico, o templo é o local fundamental do culto, é o local por excelência para se adorar a Deus, onde tomam lugar, de forma principal, os ritos e celebrações principais da liturgia, a eucaristia, a missa, onde são celebrados os casamentos e batizados. A fé e a prática religiosa têm uma ligação estreita com o templo físico, em relação ao qual estão referenciados. Essa assertiva é particularmente verdadeira em relação aos imigrantes oriundos do Norte da Itália, região da qual partiram a imensa maioria dos colonos estabelecidos na RCI. Em suas localidades de origem, a vida se desenvolvia em torno das igrejas paroquiais e, nos relatos do período anterior à emigração, são frequentes as referências às visitas dos que estão prestes a emigrar à igreja local. No Brasil, nas palavras do capuchinho Frei Bruno de Gillonay, “providenciaram imediatamente a construção de igrejas para o culto” (ZAGONEL, 1975, p. 47 e 52). Veja-se o seguinte relato, disponível na internet, a respeito da construção da primeira igreja na localidade de Caravaggio, situada no atual município de Farroupilha, localidade icônica da RCI:

Os imigrantes eram pessoas de fé e acostumados a uma vida cristã intensa. Já nos primeiros momentos em terras brasileiras, a necessidade de uma orientação espiritual tornou-se viva entre as famílias, o que só veio a acontecer cerca de um ano depois. O primeiro atendimento religioso na Linha Palmeiro, onde está localizado o Santuário de N. S. de Caravaggio, foi feito pelo Padre Domenico Antonio Munari, que veio da Itália, onde era pároco de Fastro, Município de Arsìe, BL. [...] Após isto, o atendimento passou a ser feito pelo Padre João Menegotto, que pertencia à Paróquia de Dona Isabel (hoje, Bento Gonçalves/RS). A primeira missa foi celebrada na casa de Bernardo Sbardelotto, no Morro de Todos os Santos, no ano de 1878. A segunda na casa da família Biason e a terceira na casa de Antonio Franceschet, no dia 23 de janeiro de 1879. Nesta data, Franceschet teve a ideia de levantar um oratório com a ajuda do vizinho Pasqual Pasa. Eles nunca tinham visto, na Itália, um padre celebrar uma missa fora da matriz. Ver a casa transformada em igreja não parecia certo para a maioria dos moradores. Os dois chefes de família iniciaram a construção de uma igreja em segredo. Derrubaram um pinheiro, prepararam o material e construíram um capitel de 12 metros quadrados com alpendre na entrada, que se localizava em frente ao atual cemitério de Caravaggio. A notícia se espalhou rapidamente e ganhou doações em dinheiro e mão-de-obra, transformando o oratório em capela, que comportava cerca de 100 pessoas (NOSSA SENHORA DE CARAVAGGIO, 2023).

Para o colono norte-italiano, é a partir da construção de um templo, local consagrado ao culto divino, que serão organizadas as demais estruturas comunitárias, como escola, cemitério, salão comunitário (ZUGNO, op. cit., p. 264-270). Para essa população católica, a existência de um templo religioso digno desse nome (igreja ou capela) é um pressuposto necessário para o correto ordenamento da vida religiosa e comunitária.

Para o protestante, o templo físico é indubitavelmente importante, inclusive como símbolo, mas seu peso relativo é menor do que no contexto anteriormente descrito. É certo que o templo é o local onde ocorre o culto, mas a devoção a Deus ocorre primordialmente na vida cotidiana: no lar, no trabalho, no estudo bíblico, na atividade social. Não é imprescindível uma igreja, ao menos de maneira imediata, para essa forma de devoção. O templo físico é um elemento mais central no culto católico, no seu imaginário e simbologia, do que no seu congêneres protestante, onde a presença da mística do ritual em um lugar consagrado é menos acentuada:

Comparado com a 'plenitude' do universo católico, o protestantismo parece ser uma mutilação radical, uma redução aos elementos 'essenciais', sacrificando-se uma ampla riqueza de conteúdos religiosos. Isso é particularmente verdadeiro no que se refere à versão calvinista do protestantismo, mas, em muitos aspectos, também se pode dizer o mesmo da Reforma luterana e até da anglicana. [...] Se observarmos mais cuidadosamente essas duas constelações religiosas, porém, o protestantismo poderá ser descrito como uma imensa redução no âmbito do sagrado na realidade, comparado com seu adversário católico. O aparato sacramental reduz-se a um mínimo e, mesmo assim, despidido de suas qualidades mais numinosas. Desaparece também o milagre da missa. [...] Simplificando os fatos, pode-se dizer que o protestantismo despiu-se tanto quanto possível dos três mais antigos e poderosos elementos concomitantes do sagrado: o mistério, o milagre e a magia (BERGER, 1985, p. 125).

Não é por outra razão que, fora dos horários de culto e demais atividades, como estudo bíblico ou escola dominical, o templo protestante permanece fechado, enquanto as igrejas católicas ficam abertas, exercendo sua função de local central da adoração a Deus.

O raciocínio acima apresentado sobre a relação entre os evangélicos e seus templos é particularmente válido no que se convencionou denominar protestantismo de missão³⁵, de origem norte-americana, onde o culto é centrado na pregação, como nas igrejas metodista, batista e presbiteriana, em detrimento de uma ritualística mais formal e preestabelecida (MENDONÇA e VELASQUES, op. cit., p. 156). Por isso, também é tão comum, na história do protestantismo no Brasil, o aluguel de uma casa ou a construção de um salão, onde ocorrem os cultos e as atividades comunitárias, até que as condições sejam efetivamente favoráveis para a aquisição de uma propriedade e a construção de uma igreja. A atividade evangelizadora não exige um templo para sua consecução ou perfectibilização; depende mais da atuação de seus agentes do que da localização física.

Essa característica é muito acentuada na Igreja Metodista. Já no início do movimento metodista, os pregadores partiram para a evangelização ao ar livre, nos locais de trabalho das pessoas, ainda que essa postura pudesse ter gerado reservas iniciais nos próprios líderes do movimento:

É fato notável que os metodistas evangelizaram ao ar livre, não

35 Não se desconhece a pertinente crítica à divisão estanque entre protestantismo de missão e protestantismo de imigração, apresentada por DREHER (2002, p. 129).

nos templos. Jorge Whitefield havia iniciado essa inovação nos arredores de Bristol, em 1739. Por motivo de uma viagem projetada, Whitefield chamou João Wesley para substituí-lo nesse mister. Wesley relutou muito a aceitar tal inovação, chegando a declarar que considerava quase um pecado alguém se converter a não ser na Igreja. Mas, finalmente, consentiu em tornar-se “vil”, como escreveu no seu Diário, e foi pregar aos mineiros que saíam das minas de carvão. Assim iniciou-se uma das práticas mais típicas do metodismo, a pregação ao ar livre, o método evangelístico principal do metodismo wesleyano (REILY, 1981, p. 135).

No transplante do metodismo aos Estados Unidos, tal característica foi ainda mais acentuada, com os pregadores metodistas acompanhando, com sucesso, os grandes deslocamentos populacionais em direção ao Oeste daquele país, e aos povoados que iam se formando, numa “situação onde não havia lugares sagrados, ministros formados, nem aparato litúrgico” (MENDONÇA e VELASQUES, op. cit., p. 175). À semelhança da Inglaterra, muitas vezes as pregações aconteciam ao ar livre, para multidões, em grandes acampamentos, que se prolongavam por diversos dias. O metodismo americano, portanto, se forja de uma maneira bastante não litúrgica, e isso vai se refletir na atuação dos seus missionários no Brasil: não há restrição de lugar para a atividade evangelizadora:

O itinerante metodista do século XIX geralmente é tido como um homem que vivia na sela e que carregava no alforge três livros: Bíblia, Disciplina Metodista e Hinário Metodista. Tinha vergonha de usar um livro de culto ou ler uma oração. Pedro Cartwright, mui conhecido itinerante metodista, escreveu na sua *Autobiografia* que o povo da fronteira queria um pregador que poderia ficar em pé diante do povo e “sem manuscrito, citar, expor e aplicar a Palavra de Deus aos corações e consciências” dele. (REILY, 1981, p. 141).

Essas diferentes formas de vivenciar a experiência religiosa vão confluir na região colonial italiana, onde, como visto acima, as comunidades metodistas vão edificar seus templos em um espaço de tempo bastante curto. Tendo por base as considerações apresentadas sobre o catolicismo e o protestantismo, essa celeridade na construção de locais de culto pode, em nossa opinião, ser atribuída também a dois outros fatores, além do econômico.

O primeiro decorre do fato de os membros da Igreja Metodista na RCI, no período em estudo, serem, em sua esmagadora maioria, italianos,

originalmente católicos, recentemente convertidos ao metodismo³⁶, que continuavam vivendo em meio a seus patrícios católicos. Os pastores locais que os atendiam se identificavam muito com sua comunidade: ambos eram italianos de nascimento, emigrados para os países platinos, onde haviam se convertido à Igreja Metodista. Não obstante a mudança que a conversão possa ter efetuado na percepção de mundo e nas referências das pessoas, é evidente que não houve um descolamento total de todos os referenciais anteriores. Por mais rupturas que a experiência migratória possa ter causado nas pessoas, o seu mundo local continuava cheio de referências às localidades de onde tinham partido na Itália, e à forma como sua vida era estruturada lá. Para essas pessoas, um templo continuava a ser importante para a vida religiosa, e isso se comprova pelo empenho com que eles comprovadamente se esforçaram para tê-los, mesmo sendo poucos numericamente, estando relativamente dispersos na RCI, e com pouco ou nenhum auxílio da Missão.

Observe-se, como reforço a essa argumentação, que os templos metodistas acima citados não se distinguem, externamente, de templos católicos lá construídos na mesma época. Somente em uma publicação, referente à arquitetura religiosa da antiga Colônia Conde D'Eu, é possível encontrar pelo menos três igrejas católicas interioranas que são bastante semelhantes às igrejas metodistas construídas na RCI na década de 1890: Capela São Caetano, na Linha Presidente Soares, datada de 1902; Capela Imaculada Conceição, na Linha Noventa, datada de 1911, e a Capela São Roque, da Linha Azevedo Castro, edificada entre 1904 e 1906 (TONET e TONET, 2013, p. 131, 183 e 214).

O segundo aspecto pode ser considerado simbólico-estratégico. A Igreja Metodista chega ao Brasil com objetivos claramente conversionistas, objetivando atrair novos adeptos entre a população católica, considerada praticante de uma forma de cristianismo conspurcada e ilegítima (MESQUIDA, 1994, p. 110-117). Dentro desse processo, onde a atividade missionária foca nas características da população local, um templo físico pode ser algo útil para atrair as pessoas, chamar a atenção delas e minimizar as potenciais diferenças que poderiam ser consideradas negativas para essa aproximação inicial. Afinal, a posse de um templo, para a população local, é indubitavelmente um fator de prestígio, particularmente um templo em

36 Parte dos membros fundadores da igreja de Bento Gonçalves tinha tido contato com a pregação valdense na Itália, alguns anos antes de sua vinda ao Brasil, mas eram originalmente católicos. Quanto aos valdenses italianos do Piemonte estabelecidos na Forqueta, eram cinco pessoas, três deles homens que imigraram solteiros, casados com mulheres italianas, de origem católica.

alvenaria, em uma época onde boa parte das igrejas ainda era construída em madeira. A motivação que impeliu as comunidades metodistas serranas a projetos de construção e aquisição, portanto, não se satisfiz com soluções provisórias. Os recém-chegados mostravam a que vinham.

REFERÊNCIAS

- ACTAS de la Tercera Reunión de la Conferencia Anual de Sud America de la Iglesia Metodista Episcopal. Buenos Aires: Imprensa Evangélica, 1896.
- ACTAS de la Cuarta Reunión de la Conferencia Anual de Sud America de la Iglesia Metodista Episcopal. Buenos Aires: Imprensa Evangélica, 1896.
- ACTAS de la Sexta Reunión de la Conferencia Anual de Sud America de la Iglesia Metodista Episcopal. Asunción: Talleres Nacionales de H. Kraus, 1898.
- ACTAS de la Octava Reunión de la Conferencia Anual de Sud America de la Iglesia Metodista Episcopal. Buenos Aires: Imprensa Evangélica, 1900.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- BERNARDI, Mansueto. *Colônias e colonizadores*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1982.
- BRASIL. Constituição do Império do Brasil de 1824. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>. Acesso em 15 jun. 2024.
- BRASIL. Código Penal do Império do Brasil de 1830. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LIM/LIM-16-12-1830.htm>. Acesso em 15 jun. 2024.
- CAPRARA, Bernardete Schiavo; LUCHESE, Terciane Ângela. *Da colônia Dona Isabel ao município de Bento Gonçalves – 1875 a 1930*. Bento Gonçalves: Fundação Casa das Artes, 2005.
- DAROS, Marília. *Grãos: Coletânea Histórica*. Porto Alegre: Edição da autora, 2006.
- DREHER, Martin N. *Wilhelm Rotermond: Seu Tempo – Suas Obras*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2014.
- _____. Protestantismos na América Meridional. In: DREHER, Martin N. (Org.). *500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.
- EIGHTY-SECOND ANNUAL REPORT of the Missionary Society of the

- Methodist Episcopal Church for the year 1900. New York: [s.n.], 1901.
- FAGGION, Carmen Maria et alii. *Topônimos em Bento Gonçalves: motivação e caracterização*. In: MÉTIS: História & Cultura – v. 7, n. 13, p. 277-298. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.
- FLORES, João do Prado. *A História do Metodismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: [s.e.], 1937.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELÁSQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil – Um estudo de caso*. Juiz de Fora/São Bernardo do Campo: EDITEO, 1994.
- JAIME, Eduardo Mena Barreto. *História do Metodismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Empresa Gráfica Moderna, 1963.
- KENNEDY, James L. *Cinquenta Anos de Metodismo no Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1928.
- LORENZONI, Júlio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.
- MESTURINI, Janquiel. *CIC 100 anos: o espírito de uma sociedade*. Bento Gonçalves: CIC Bento Gonçalves, 2014.
- NOSSA SENHORA DE CARAVAGGIO. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_de_Caravaggio>. Acesso em: 16 jun. 2024.
- PIMENTEL, Gaspar. *Dicionário Histórico, Geográfico e Estatístico do Município de Alfredo Chaves*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1987.
- PIQUINELA, José Alberto. *Historia del protestantismo en el Uruguay 1808-1880*. Montevideu: Central de Impresiones, 2007.
- POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1983.
- REILY, Duncan Alexander. *Metodismo Brasileiro e Wesleyano*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1981.
- _____. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2003.
- SALVADOR, José Gonçalves. *História do Metodismo no Brasil – Volume I: Dos primórdios à Proclamação da República (1835 a 1890)*. Rio de Janeiro: Centro Editorial Metodista de Vila Isabel, 1982.
- SEVENTY-THIRD ANNUAL REPORT of the Missionary Society of the Methodist Episcopal Church for the year 1891. New York: [s.n.], 1892.

- SEVENTY-FOURTH ANNUAL REPORT of the Missionary Society of the Methodist Episcopal Church for the year 1892. New York: [s.n.], 1893.
- SEVENTY-SEVENTH ANNUAL REPORT of the Missionary Society of the Methodist Episcopal Church for the year 1895. New York: [s.n.], 1896.
- SEVENTY-NINTH ANNUAL REPORT of the Missionary Society of the Methodist Episcopal Church for the year 1898. New York: [s.n.], 1899.
- TONET, Charles; TONET, Tânia. *Perto das Estrelas: Registro da memória arquitetônico-religiosa na antiga Colônia Conde D Eu: igrejas, capelas, capiteis e grutas*. Caxias do Sul: Belas-Letras Projetos Especiais, 2013.
- TOURN, Giorgio. *I Valdesi. La singolare vicenda di un popolo-chiesa*. Torino: Claudiana, 2000.
- VÉSCIO, Luiz Eugênio. *O Crime do Padre Sório. Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1928)*. Porto Alegre/Santa Maria: Editora da UFRGS/Editora UFSM, 2001.
- ZAGONEL, Carlos Albino. *Igreja e Imigração Italiana*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1975.
- ZUGNO, Vanildo Luiz. *Capuchinhos franceses no Rio Grande do Sul: presença e missão na Região Colonial Italiana e Campos de Cima da Serra*. Porto Alegre, ESTEF, 2017.

Recebido em: 19/06/2024

Aceito em: 22/11/2024